

Deixai crescer ambos juntos até a ceifa e, no tempo da ceifa, direi aos ceifeiros: Recolhei primeiro o joio e atai-o em molhos para os queimar; o trigo, porém, reuni no meu celeiro.

Mateus
13:30

Joio

Quando Jesus recomendou o crescimento simultâneo do joio e do trigo, não quis senão demonstrar a sublime tolerância celeste, no quadro das experiências da vida.

O Mestre nunca subtraiu as oportunidades de crescimento e santificação do homem e, nesse sentido, o próprio mal, oriundo das paixões menos dignas, é pacientemente examinado por seu infinito amor, sem ser destruído de pronto.

Importa considerar, portanto, que o joio não cresce por relaxamento do Lavrador divino, mas sim porque o otimismo do

celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem.

O campo do Cristo é região de atividade incessante e intensa. Tarefas espantosas mobilizam falanges heroicas; contudo, apesar da dedicação e da vigilância dos trabalhadores, o joio surge, ameaçando o serviço.

Jesus, porém, manda aplicar processos defensivos com base na iluminação e na misericórdia. O tempo e a bênção do Senhor agem devagarinho e os propósitos inferiores se transubstanciam.

O homem comum ainda não dispõe de visão adequada para identificar a obra renovadora. Muitas plantas espinhosas ou estéreis são modificadas em sua natureza essencial pelos filtros amorosos do Administrador da Seara, que usa afeições novas, situações diferentes, estímulos inesperados ou responsabilidades ternas que falem ao coração; entretanto, se chega a época da ceifa, depois do tempo de expectativa e observação, faz-se então necessária a eliminação do joio em molhos.

A colheita não é igual para todas as sementes da terra. Cada espécie tem o seu dia, a sua estação.

Eis por que, aparecendo o tempo justo, de cada homem e de cada coletividade exige-se a extinção do joio, quando os processos transformadores de Jesus foram recebidos em vão. Nesse instante, vemos a individualidade ou o povo a se agitarem em razão de aflições e hecatombes diversas, em gritos de alarme e socorro, como se estivessem nas sombras de naufrágio inexorável. No entanto, verifica-se apenas a destruição de nossas aquisições ruinosas ou inúteis. E, em vista de o joio ser atado, aos molhos, uma dor nunca vem sozinha.

(Vinha de luz. Ed. FEB. Cap. 107)

Repreensão ¹³⁵

A repreensão, sem dúvida, pertence à economia do nosso progresso espiritual na vida, entretanto, antes de expedi-la, com a palavra, convirá sempre ponderar o porquê,

o como e o modo, através dos quais devemos concretizá-la.

O lavrador, para salvar a erva tenra, que amanhã será o orgulho do seu pomar, emprega cuidado e carinho em não lhe ferir o embrião, em lhe subtraindo o verme devorador.

O artista, para retirar a obra-prima do mármore, não martela o bloco de pedra indiscriminadamente e, sim, burila, cauteloso, imaginando e sonhando, antes de exigir ou apressar-se.

O cirurgião, que atende ao enfermo em estado grave, aplica-lhe o anestésico e recomenda-lhe o repouso, extraindo-lhe a enfermidade, sem desafiar-lhe a reação das células vivas que, em desespero, poderiam estragar-lhe o serviço.

Usemos, pois, a repreensão, em benefício do progresso de todos, mas sem olvidar as nossas necessidades e deficiências, para que a compaixão fraternal seja óleo de estímulo em nossas frases.

Jesus, o grande Médico, o divino

Educador, sempre fez diferença entre mal e vítima, entre pecado e pecador. Curava a moléstia, sem humilhar aqueles que se faziam hospedeiros dela e reprovava o erro, sem esquecer o amparo imprescindível aos que se faziam desviados, aos quais tratava por doentes da alma.

Ajudemos noventa e nove vezes e repreendamos uma vez, em cada centena de particularidades do nosso trabalho.

Quem efetivamente auxilia, adverte com proveito real.

A educação exige muita piedade, muito apoio fraterno e muita recapitulação de ensinamentos para que se evidencie de verdade no campo da vida.

E, ainda nesse capítulo, não podemos esquecer a lição do Mestre, quando nos recomenda: “Deixai crescer juntos o trigo e o

joio, porque o divino Cultivador fará a justa seleção, no dia da ceifa”.

Semelhante assertiva não nos induz ao relaxamento, à indiferença ou à inércia, mas define o imperativo de nossas responsabilidades à frente dos outros, para que sejamos, de fato, irmãos e amigos, com interesses mútuos, e não perseguidores cordiais que desorganizam as possibilidades de crescimento do progresso e perturbam o programa de aperfeiçoamento que a Sabedoria divina traçou, em favor de nosso engrandecimento comum.

(Reformador, jun. 1953, p. 144)

¹³⁵ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Visão nova*. Ed. IDE. Cap. 10, com alterações.